

# **O BANHO FOLCLÓRICO DE ENEIDA DE MORAES**

Edvandro Pessoa

Alguém pode suscitar em Eneida de Moraes uma perfeita saudosista. Em " Banho de Cheiro " ele faz transbordar o maravilhoso poético urbano de Belém ( dos tempos de outrora ) e do fabulário amazônico.

Suas reminiscências, fruto da vivência ativa e otimista, que ela diz ter herdado da mãe, desembocam para o lúdico entranhado na cultura do povo, tendo permanecido bem guardado no cantinho saudoso da sua mente.

" Banho de Cheiro ", dentro da abordagem genérica, apresenta uma íntima e particular interação de Eneida com seu habitat, num enquadramento bonito, correto. Isso prova que Eneida soube viver a cidade de Belém nas mais diversas manifestações, o que provoca a adoção de dois momentos: um, quando Eneida descobre e degusta o néctar; outro, quando relembra ( e não quer abandonar ) esse sabor gostoso e perene da infância.

Eneida despeja boa dose de emoção quando relata seu período de cárcere. Identifica-se quando se prontifica a descrever a mulher vendendo tacacá; a procissão do Círio; as suas estrepolias pelas ruas e praças de Belém. Aqui, o comentário: " mas, são imagens tão repetitivas e visadas, tão banais! " Pela mão de Eneida não ficou banal, mas incitativo, justamente porque a visão literária da autora perdura o tempo da imagem. Esta, temporária, deixa marcas profundas na mente, porque foi vivida, teve a essência do conhecer.

Não há uma simples narrativa, ou somente a narrativa. Eneida consegue revestir cada episódio com outras temáticas, por vezes críticas. As imagens não ficam isoladas, mas acompanhadas de uma análise, um questionamento. A preocupação com o monumento, a rua antiga com outro nome, a casa onde nasceu, que agora é edifício, é progresso, faz de " Banho de cheiro " o observador enjoado dos tratores do futuro, encobridores da história pela poeira, em nome do progresso.

A presença folclórica em " Banho de cheiro " representa e traduz a Eneidinha do primário, diante do mapa do Pará, vendo a poesia do boto sedutor; da Iara, que arrasta os homens para o fundo do rio; do uirapuru... e tantos, e tantos casos, tantos momentos de paz, de medo, sofrimento. Para se viver no mundo urbano dos arranha-céus escrevendo todas essas passagens é preciso vivência estabelecida com os mitos, com o lúdico, o que é um meio de manter viva a essência da origem. E abarcar esse mundo para ser forte - para ser nação forte - é a lição que " Banho de Cheiro " nos quer dar.

Eneida quer sempre justificar o conhecimento a certeza que partem de si, quando retrata seu torrão. Vai buscar fatos da estória, personagens. Procura fidedignidade para com

o leitor, por amor sua cidade. Faz-lhe saber que é sua admiradora e amante principal. Que esse bem amar percorreu toda a espinha de sua trajetória.

*"Portas e janelas se abriam. Os homens paravam de casa em casa, desciam os tabuleiros; ervas, raspas, folhas, pedacinhos de madeira passavam de suas mãos às da compradora. Ninguém queria perder o direito à felicidade: ricos e pobres. Nos fogões e nas fogueiras - as mesmas que iriam iluminar a noite do santo - a grande lata fervia, com os vegetais perfumados da Amazônia que, ralados, esmagados, verdes pala juventude ou amarelecidos pala velhice, dão, depois de fervidos, um líquido esverdeado com o exuberante perfume de mata virgem. Patchuli e pau-de-Angola, priprioca, catinga de mulata, manjerona, bergamota, pataqueira, cipó-catinga, arruda, cipó-uíra, baunilha, corrente, perfumes selvagens é certo, mas que misturam minha vida de hoje com a de ontem, com a mesma intensidade."*

( in. Banho de Cheiro - pg. 198 - Coleção Lendo o Pará )

---

Edvandro Pessoa - aluno do 3º ano de Letras da UNAMA